

ATIVISMO E MILITÂNCIA FEMINISTA: UM ESTUDO SOBRE MULHERES ATUANTES NA REDE DE ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA DE GÊNERO

Bárbara Carla Montanheri (PIC), Hilusca Alves Leite (coorientadora), Daniele de Andrade Ferrazza (orientadora). E-mail: daFerrazza@uem.br

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento: Psicologia/Psicologia Social.

Palavras-chave: movimentos feministas; violência de gênero; Rede de Enfrentamento à Violência contra Mulheres

RESUMO

A atuação da militância e/ou ativismo feminista foi importante para as conquistas de direitos de mulheres, assim como, para a implementação de serviços da Rede de Enfrentamento às mulheres em situação de violência. Assim, a pesquisa tem como objetivo compreender as vivências de mulheres atuantes enquanto liderança, ativistas e/ou militantes na Rede de Enfrentamento à Violência de Gênero em um município paranaense. Para tanto, o estudo de caráter qualitativo exploratório, está dividido em dois momentos. No primeiro momento, realizou-se uma análise do estudo da arte sobre o tema da militância e ativismos feministas com atenção aos enfrentamentos das violências de gênero. No segundo momento, foram feitas entrevistas semiestruturadas com três mulheres que estão na linha de frente da Rede de Enfrentamento à Violência de Gênero de um município paranaense. A partir das entrevistas, foram elencadas 5 categorias de análise: 1) Atuação na Rede de Enfrentamento à Violência de Gênero; 2) Compreensões acerca de militância e ativismo; 3) Violências de gênero em espaços públicos de ativismos/militâncias; 4) Conquistas e dificuldades na luta contra as violências de gênero; 5) Expectativas e perspectivas para o ativismo e a militância feminista. Concluiu-se que mulheres ativistas e militantes enfrentam a baixa adesão aos movimentos sociais e feministas e a insuficiência de políticas públicas de proteção às mulheres. E, apesar de estarem mais vulneráveis a serem perseguidas e vítimas de atos de violência, seguem na luta pelo fortalecimento da Rede de Enfrentamento a violência de gênero.

INTRODUÇÃO

Para Bandeira (2014), as mobilizações feministas da década de 1980 e 1990 ampliaram o espaço de discussão sobre a violência de gênero, levando o debate para os aspectos políticos e sociais, o que possibilitou a criação dos primeiros

órgãos públicos voltados exclusivamente para o atendimento de mulheres em situação de violência, como as Delegacias Especiais de Atendimento às Mulheres (DEAMs). Momento no qual o Estado brasileiro assume a responsabilidade pelo combate à violência de gênero em contexto nacional por meio da criação das primeiras políticas públicas de proteção aos direitos das mulheres.

Embora com o passar dos anos novos mecanismos governamentais de combate à violência contra mulheres tenham sido criados, no ano de 2011, como a Política Nacional de Enfrentamento à Violência Contra as Mulheres e os Centros de Referência de Atendimento à Mulher (CRAM), os corpos femininos seguem submetidos às violações de direitos e violências físicas, sexuais, psicológicas, morais e patrimoniais. Bandeira (2014) observa que há uma inadequação no cumprimento das leis e das normas constitucionais brasileiras que visam proteger efetivamente as mulheres e garantir seus direitos, culminando na ausência de um acolhimento adequado. Assim, mulheres militantes sentem-se convocadas a assumirem posições de liderança para denunciar inadequações no cumprimento das leis e reivindicar modificações constitucionais na luta pela garantia de direitos. Como forma de assumir a “linha de frente” no combate à violência de gênero, mulheres passaram a atuar em movimentos sociais em posições de lideranças, militantes e/ou ativistas da causa.

A pesquisa tem como objetivo compreender as vivências de mulheres atuantes enquanto lideranças, ativistas e/ou militantes na Rede de Enfrentamento à Violência de Gênero em um município paranaense.

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa qualitativa exploratória analisou as estratégias de liderança, ativismo e militância de mulheres atuantes na Rede de Enfrentamento à Violência de Gênero em um município paranaense e foi dividida em dois momentos. No primeiro momento foi feita uma análise do estado da arte sobre o tema da liderança, ativismo e militância feminista, com atenção ao tema das violências de gênero. Para tanto, buscou-se analisar de publicações de artigos científicos, dissertações de mestrado e teses de doutorado que apresentassem as seguintes palavras-chaves: feminismo, violência doméstica, ativista, militante, Rede de Enfrentamento à Violência contra Mulheres. A seleção de material foi feita nas bases indexadoras *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e Google Acadêmico.

O segundo momento foi dividido em duas etapas. Na primeira etapa, a pesquisadora participou de encontros e debates do denominado “Fórum da Mulher” do município paranaense, a fim de mapear mulheres participantes enquanto liderança, ativista e militante na Rede de Enfrentamento à Violência de Gênero, os encontros foram registrados em diário de campo. Na segunda etapa, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com três mulheres atuantes pelo fortalecimento da Rede de Enfrentamento à Violência de Gênero no município paranaense. Posteriormente, foi realizada a análise do material e produção de um texto analítico em torno de categorias temáticas em diálogo com a literatura feminista sobre liderança, militância e ativismo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As mulheres entrevistadas foram Leonna (22 anos), Tânia (64 anos) e Eva (62 anos). A partir das entrevistas semiestruturadas, foram elencadas 5 categorias de análise: 1) Atuação na Rede de Enfrentamento à Violência contra mulheres; 2) Compreensões acerca de militância e ativismo; 3) Violências de gênero em espaços públicos de ativismos/militâncias; 4) Conquistas e dificuldades na luta contra as violências de gênero; 5) Expectativas e perspectivas para o ativismo e a militância feminista.

Na primeira categoria de análise, realizamos uma apresentação das entrevistadas, com destaque para os relatos sobre a inserção na militância e/ou ativismo, além de sua atuação na Rede de Enfrentamento à Violência de Gênero. Todas as entrevistadas são membras do denominado “Fórum da Mulher” do município, mas para além disso, também atuam em outros órgãos, como a UNALGBT¹ (Leonna), o Conselho da Mulher do município (Tânia e Eva), ONGs municipais que se mobilizam contra a violência de gênero (Tânia) e o Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial do município (Eva).

Na segunda categoria foram exploradas as definições das entrevistadas acerca dos termos “militância” e “ativismo”. Também buscou-se explorar como as entrevistadas se relacionam com o título de “liderança” dentro dos movimentos dos quais participam. Embora militância e ativismo designem metodologias diferentes de interferir em normas sociais vigentes, as compreensões das entrevistadas ilustram o processo contemporâneo no qual as definições se misturam e não cabem mais nas palavras que caracterizavam (Sales; Fontes; Yasui, 2018). As entrevistadas também se mostraram relutantes a se definirem como líderes do movimento feminista no município, embora todas ocupassem cargos formais de liderança.

A terceira categoria abordou quais tipos de violência as mulheres da Rede de Enfrentamento à Violência de Gênero estão expostas no município. O ódio como prática destrutiva contra militantes e ativistas, segundo Mansano e Carvalho (2022), é instrumentalizado como forma de manutenção do poder vigente. Isso se confirma uma vez que as violências que as entrevistadas relataram ocorrerem em contextos e com objetivo de impedir, limitar ou invisibilizar a atuação de mulheres na Rede de Enfrentamento à Violência Contra Mulheres.

A quarta categoria sobre compreensões da Rede de Enfrentamento à Violência de Gênero, esteve marcada por descrições avaliativas sobre o cenário atual de militância e ativismo dos quais participam. Embora as entrevistadas caracterizem os grupos que frequentam como diversos e inclusivos, todas destacaram a baixa adesão de integrantes jovens nos movimentos de ativismo e militância feminista. Outra questão alarmante que surgiu foi a nova onda de conservadorismo da extrema-direita que ocorre no Brasil nos últimos anos que dificulta atuações em movimentos sociais e no fortalecimento da Rede de Enfrentamento à Violência de Gênero.

¹ União Nacional LGBT.

A quinta categoria explora as compreensões das entrevistadas para o futuro dos movimentos sociais e para a luta contra a violência de gênero, tanto no município quanto em âmbito nacional. Apesar dos inúmeros desafios, as entrevistadas mostraram-se otimistas quanto ao futuro da luta contra a violência de gênero, mostrando reconhecimento da importância de seus trabalhos e mantendo-se motivadas pelas demais mulheres companheiras de movimentos sociais.

CONCLUSÕES

Concluiu-se que as mulheres ativistas e/ou militantes do município paranaense desempenham um papel extremamente necessário de fortalecimento da Rede de Enfrentamento à Violência de Gênero, tanto atuando em movimentos sociais quanto pressionando e fiscalizando o desempenho e aplicação de políticas públicas. Contudo, são preocupantes os relatos acerca da perseguição contra militantes e/ou ativistas e da queda de participação de novas integrantes nos movimentos feministas que combatem a violência contra mulheres. Torna-se necessário pensar sobre a vulnerabilidade de mulheres ativistas e militantes feministas sofrerem ataques de ódio, bem como nos impactos que o avanço do conservadorismo tem gerado para a luta pelos direitos das mulheres, a fim de garantir não somente a proteção e segurança das agenciadoras da Rede de Enfrentamento à Violência de Gênero, mas sobretudo que os direitos de todas as brasileiras sejam assegurados.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, L. M. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. **Revista Sociedade e Estado**, v.29, n.2, p.449-469, maio/agosto 2014.

BRASIL, Secretaria Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres. Secretaria de Políticas para as Mulheres – Presidência da República. **Rede de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres**. Brasília, 2011. Disponível em <https://www12.senado.leg.br/institucional/omv/copy_of_acervo/outras-referencias/copy2_of_entenda-a-violencia/pdfs/rede-de-enfrentamento-a-violencia-contra-as-mulheres>. Acesso em: 09 jan. 2024.

MANSANO, S. R. V.; CARVALHO, P. R. Quando ativistas sociais e ambientais são alvo de ódio: uma análise teórica e documental. **Sociedade em Debate**. v.28, n.3, p.38-55, set./dez. 2022.

SALES, A. L. L. de F.; FONTES, F. F.; YASUI, S. Para (re)colocar um problema: a militância em questão. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 26, n.2, p. 565-577, jun. 2018.